

Nível de conhecimento e uso de *blends* do português brasileiro por parte dos falantes nativos

Level of knowledge and use of Blends in Brazilian Portuguese by Native Speakers

Emerson Viana Braga¹, Vera Pacheco²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Brasil

RESUMO

O presente artigo apresenta a análise do nível de conhecimento e uso de *blends* do português brasileiro. Este fenômeno é descrito como um processo de formação de palavras que mescla duas bases para designar uma terceira (Braga, 2023), apresentando supressão de material fonológico, como em *bicitáxi* (*bicicleta* + *táxi*). Dada essa singularidade inerente ao fenômeno, propomos abordar a análise da percepção do seu conhecimento e uso por parte do falante nativo. Para isso, levantou-se o seguinte questionamento: Qual o nível de conhecimento e uso dos *blends* por parte dos falantes nativos? Como hipótese, considera-se que o nível de conhecimento do *blend* estaria associado à capacidade de decomposição semântica, por parte dos falantes nativos, das bases que os compõem e o nível do uso estaria relacionado ao contexto social em que o *blend* foi criado, entendendo o termo uso. Foi feita uma coleta via *Google Forms* para atestar o nível de conhecimento dos falantes sobre palavras constituídas por *blends*. Os resultados apontam que os juízes tendem a conhecer o *blend* pelos fragmentos que vão para o nível fonético, independente de fator social.

PALAVRAS-CHAVE:

Blend. Percepção. Português brasileiro. Falante nativo.

ABSTRACT

The present article presents an analysis of the level of knowledge and use of blends in Brazilian Portuguese. This phenomenon is described as a word formation process that mixes two bases to designate a third (Braga, 2023), presenting suppression of phonological material, as in *bicitáxi* (*bicicleta* + *táxi*). Given this inherent singularity of the phenomenon, we propose to approach the analysis of the perception of its knowledge and use by native speakers. For this purpose, the following question was raised: What is the level of knowledge and use of blends by native speakers? As a hypothesis, it is considered that the level of knowledge of the blend would be associated with the native speakers' ability to semantically decompose the bases that compose them, and the level of use would be related to the social context in which the blend was created. A survey was conducted via *Google Forms* to assess the level of speakers' knowledge about words constituted by blends. The results indicate that the judges tend to recognize the blend by the fragments that go to the phonetic level, regardless of social factor.

KEYWORDS:

Recebido em: 03/07/2024

Aceito em: 09/12/2024

¹ E-mail: emevibra@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5738-3829>

² E-mail: vera.pacheco@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

Blending. Perception. Brazilian portuguese. Native speaker.

1. Introdução

O processo de formação de palavras é um recurso linguístico muito comum nas línguas naturais e tem sido objeto de estudo por linguistas. No contexto do português brasileiro, o processo de formação de palavras divide-se em concatenativos e não concatenativos (cf. Gonçalves, 2003; Bevilacqua e Silva, 2021). Os primeiros caracterizam-se por apresentar uma informação morfológica que termina exatamente no ponto em que a outra começa (Gonçalves, 2020), a exemplo de *infeliz* (derivação por prefixação) e *amor-perfeito* (composição), enquanto os segundos são criados, justamente, por essa falta de encadeamento entre as informações morfológicas, ocasionando em truncamentos (*maraca* para *maracanã*), hipocorísticos (*Malu* para *Maria Luísa*).

Além dos fenômenos morfológicos apresentados acima, tem-se o *blend*³, um processo complexo, que consiste na fusão de duas bases para formar uma terceira palavra, criado a partir da supressão de material fonológico (cf. Gonçalves, 2003), a exemplo de *portunhol* que, na mescla de ‘português’ e ‘espanhol’, suprime sílabas que constituem as palavras de origem. Além disso, no que tange ao critério semântico, *blends* tendem a remeter o sentido das bases de que são oriundos, enquanto os compostos tendem a se distanciar (cf. Benfica da Silva, 2019). *Cabra-cega*, por exemplo, trata-se de uma brincadeira infantil.

O *blend* desperta o interesse de linguistas que buscam compreender sua estrutura morfológica. Além disso, estudiosos procuraram investigar outros níveis da linguística, como o fonético (Braga, 2023), o fonológico (Piñeros, 2000; Gonçalves, 2006; Benfica da Silva, 2019), o morfofonológico (Maragoni Jr., 2021; Bevilacqua, Silva, 2021) e o semântico-pragmático (Kemmer, 2003; Maragoni Jr, 2021). Alguns pesquisadores têm, igualmente, se debruçado sobre questões psicolinguísticas (Minussi e Villalva, 2020) e perceptuais (Braga, Pacheco e Rocha, 2022).

Neste contexto, este artigo propõe realizar uma análise dos *blends* do português brasileiro, explorando o nível de conhecimento que os falantes nativos têm dessas formações de palavras, no

³ Cabe ressaltar que este fenômeno é apresentado na literatura sob diferentes rótulos, tais como: “Contaminação (BASILIO, 2003), Fusão vocabular (BASILIO, 2005), Combinação (BECHARA, 2009); Palavra cabide (SANDMANN, 1991), Composição haplológica (SANDMANN, 1991) [...]” (Benfica da Silva, 2019, p. 18), ou ainda, “amálgama, amálgama de palavra, amálgama lexical, *blend*, *blending*, *coinage*, combinação, contaminação, cruzamento, cruzamento de palavra, fusões vocabulares expressivas (FUVES), mescla lexical, mesclagem lexical, mistura, *mot-tiroir*, *mot-valise*, palavra-valise, palavra entrecruzada, palavra mesclada, palavra-síntese, *portmanteau*, entre outros” (Bevilacqua; Silva, 2021, p. 361, grifos dos autores).

sentido ordinário do termo, qual seja, percepção e compreensão dessas formações linguísticas por parte dos brasileiros, bem como buscamos explorar o nível de uso, no sentido de utilização ou não desse processo.

Sendo assim, para guiar nossa investigação, levantamos a seguinte questão: Qual o nível de conhecimento e uso dos *blends* por parte dos falantes nativos? Propomos a hipótese de que conhecimento dos *blends* estaria associado à capacidade de decomposição semântica das bases que os compõem, por parte dos falantes nativos, enquanto a uso dessas palavras estaria relacionado ao contexto social em que são criadas e empregadas. Para investigar essa questão, realizamos uma coleta de 405 dados utilizando a plataforma *Google Forms*, a fim de avaliar o nível de conhecimento dos falantes sobre palavras constituídas por *blends*.

Dessa forma, serão apresentados, neste trabalho, além desta introdução, uma breve descrição sobre o *blend*, na seção 2. A seguir, na seção 3 será descrita a nossa metodologia, enquanto, na seção 4, serão apresentados nossos resultados e nossas discussões. Por fim, apresentaremos algumas considerações levantadas acerca deste trabalho.

2. Breve descrição sobre os *blends* do PB

O *blend* é um processo que pode ser definido pela junção de duas bases, suprimindo material fonológico. Exemplo disso, ocorre em *matel* que mescla as bases, ‘mato’ e ‘motel’. A base 1 suprime a última sílaba, to, enquanto a base 2 suprime a primeira sílaba da palavra, mo. Por essa razão o *blend* é considerado por autores, como Bevilacqua e Silva (2021) e Marangoni Jr (2021), como um processo morfofonológico, porque embora, geralmente, envolva duas palavras em sua formação, o fenômeno acessa questões prosódicas com resultados na sílaba e acento. Sendo assim, neste artigo, assumiremos, tanto quanto os autores antes citados, que o *blend* é um processo morfofonológico.

Além disso, Braga (2023) assinala que uma das principais questões debatidas na literatura sobre o fenômeno do *blend* é sua classificação na área da Morfologia. Devido à combinação de duas palavras em sua formação, esse processo apresenta semelhanças com os métodos tradicionais de composição (*guarda-chuva*, *pontapé*). Por isso, Gonçalves (2003, p. 150, grifos do autor) afirma que “apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na composição, *blends* diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases (e não pelo encadeamento)”.

Segundo o linguista, compostos são criados a partir do encadeamento entre as palavras, uma vez que a segunda palavra só inicia no ponto exato em que a primeira termina. É o que ocorre com *guarda-chuva* que mantém todos os segmentos na palavra formada. Os *blends*, por outro lado, apresentam sempre uma ruptura em sua formação, pois não apresentam o mesmo encadeamento que os compostos.

Bevilacqua e Silva (2021) explanam, ainda, que é compreensível o debate sobre a semelhança entre as operações morfológicas por conta do sentido do termo “compor” que, segundo os autores, tem relação com o termo “formar”. No entanto, os estudiosos ratificam que, na criação de um *blend*, há muito mais que uma formação, porque não são formados por um sequenciamento lógico. Para Bevilacqua e Silva (2021, p. 362), então, o *blend* “é um processo de formação de palavras que consiste (substituindo o verbo “compor”) em sobrepor, amalgamar, fundir, misturar, mesclar ou cruzar partes de palavras numa só.”

Nesse sentido, esses diferentes termos descritos por Bevilacqua e Silva (2021) nos fazem retomar a proposta de Gonçalves (2003), ao analisar que o fenômeno morfológico, aqui investigado, apresenta diferentes padrões de criações. Este autor observou que *blends* não apresentam uma maneira única de serem criados: algumas palavras são mescladas com semelhança fônica, outras não. Os *blends* que apresentam semelhança fônica entre as bases são chamados de interposição lexical (Gonçalves, 2003, 2016; Andrade, 2008), a exemplo de *namorido* (*namorado* + *marido*) e *borboletras* (*borboleta* + *letras*). Em contrapartida, os *blends* que não apresentam semelhança entre os segmentos que compõem as bases são chamados de combinação truncada (Gonçalves, 2003, 2016; Andrade, 2008), como podem ser observados nos exemplos *bicitáxi* (*bicicleta* + *táxi*) e *chocotone* (*chocolate* + *panetone*).

Andrade (2008) também reconhece mais um padrão de *blend*, formado de maneira distinta aos dois anteriores, chamado de substituição sublexical, como em *bebemorar* (*beber* + *comemorar*) e *roubartilhar* (*roubar* + *compartilhar*). Gonçalves (2003, p. 152) não reconhece este padrão, afirmando que “a palavra-alvo apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso na língua e é a partir dessa identidade formal que se dá incorporação” e, com isso, não poderia ser considerado como um tipo de *blend*. Todavia, Andrade (2008) argumenta que tanto os *blends* quanto as SLLs são estruturados de modo idêntico⁴, pois envolvem, apenas, um padrão morfológico. Todas essas discussões mostram, então, que o *blend* é um processo complexo e importante de ser investigado, tanto quanto qualquer outro processo de

⁴ As análises de Andrade (2008) são desenvolvidas a partir da Teoria da Otimidade.

formação de palavras.

No cenário atual, o uso de *blends* no português brasileiro, especialmente em ambientes virtuais, tornou-se bastante popular, refletindo a natureza dinâmica e evolutiva da linguagem. Essa operação morfofonológica, que consiste na fusão de duas palavras para formar uma nova, proporciona uma maneira criativa de expressão, capturando conceitos de forma eficaz e, muitas vezes, humorística.

Nesse sentido, podemos inferir que o *blend* é um processo produtivo e ativo na língua, uma vez que tem se propagado em diferentes ambientes para designar seres ou coisas. Pensando nisso que propomos analisar qual a percepção que os falantes têm do processo: se conhecem uma palavra formada por *blend*, ainda que não a use, isto é, produzem.

Durante as leituras e coletas de palavras formadas por *blends*, observamos a natureza peculiar que esta operação morfológica apresenta devido ao fato de serem contextuais, isto é, (só) são (re)conhecidas no meio em que foram criadas. Este é um dos motivos de serem consideradas, também, efêmeras (cf. Benfica da Silva, 2019), pois podem desaparecer da mesma maneira como surgiram. Poucos *blends* cristalizam-se na língua e têm um conhecimento unânime, como *chafé* (*chá* + *café*) e *sacolé* (*saco* + *picolé*). Pensando nisso, desenvolvemos uma pesquisa para investigar todos estes argumentos.

Independentemente da efemeridade da palavra gerada pelo processo na língua, defendemos que o seu uso depende do contexto em que o *blend* é criado, ou seja, ele será produzido pelo grupo que o criou, mas seu conhecimento não, pois o falante tende a decompor, semântica e fonologicamente, o *blend* a partir dos fragmentos da base envolvidos nele. Na seção seguinte, então, apresentaremos os resultados alcançados com este trabalho.

3. Escolha dos *blends*

Este trabalho, como já discutimos antes, objetiva analisar o nível de conhecimento que o falante nativo tem a respeito dos *blends*. Estudiosos, como Benfica da Silva (2019) e Marangoni Jr. (2021), discutem que o fenômeno precisa de um contexto enunciativo para que apresente um efeito de sentido. Além disso, trata-se de um processo cujas palavras são, em grande parte, efêmeras na língua. Para averiguar melhor essas alegadas constatações sobre os *blends*, elaboramos um questionário para investigar o nível de conhecimento que o falante tem desse processo de formação de palavras. Com isso, a princípio, coletamos palavras criadas por *blends*

com as seguintes formações descritas no quadro 1:

Quadro 1 – *Blends* utilizados para investigar o conhecimento e uso do falante do PB.

BLEND	BASES	TIPOS DE FORMAÇÃO
<i>Chafé</i>	chá + café	Substantivo comum
<i>Flamerda</i>	flamengo + merda	Substantivo comum
<i>Namorido</i>	namorado + marido	Substantivo comum
<i>Bandilma</i>	bandida + Dilma	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Bolsolixo</i>	Bolsonaro + lixo	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Luladrão</i>	Lula + ladrão	Antropônimo acrescido de qualificador
<i>Alucicrazy</i>	alucinado + <i>crazy</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Macakids</i>	macaco + <i>kids</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Maravigold</i>	maravilhosa + <i>gold</i>	Base do PB + base estrangeira
<i>Abelena</i>	Abel + Selena (Gomes)	<i>Ship</i>
<i>Arliza</i>	Arthur + Eliza	<i>Ship</i>
<i>Brumar</i>	Bruna + Neymar	<i>Ship</i>
<i>Paulufusos</i>	Paulo + parafusos	Oniônimo
<i>Veterimário</i>	veterinário + Mário	Oniônimo

Fonte: elaboração própria.

Obtivemos um número total de dezessete palavras criadas por *blends*. As palavras descritas no quadro 1 foram coletadas em ambientes virtuais, espaços em que têm aparecido com muita recorrência (*Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp*). Esse critério foi adotado para aumentar a chance de que o sujeito participante da entrevista tivesse tido contato prévio com a palavra nesses ambientes. Outro critério adotado foi a motivação semântica e fonológica, critérios, fortemente, envolvidos na criação de um *blend*. Levamos em consideração, durante a coleta, também, o tipo de formação dessas palavras:

- O tipo 1 é descrito, por nós, como substantivos comuns, uma vez que resultam da junção entre dois substantivos comuns, gerando um *blend* substantivo comum;
- Para o tipo 2, antropônimos acrescidos de qualificador, utilizamos a denominação adotada

por Benfica da Silva (2019) que fez um trabalho a partir de *blends* associados a nomes próprios;

- O tipo 3 é formado por uma base vernácula mesclada com uma base estrangeira que cunhamos como uma base do PB + base estrangeira;
- O tipo 4 são *blends*, também, formados por antropônimos, contudo, para criar um *ship*⁵ e
- O tipo 5 são *blends* criados para designar lugares, isto é, resultam em oniônimos.

Ressaltamos que *blends* formados por oniônimos não são produtivos na língua, por essa razão, estão em menor número que os demais tipo de formação. Benfica da Silva (2019, p. 63) argumenta que “oniônimos formados por antropônimos e nomes comuns, é de maior complexidade na tarefa de rastrear dados”.

Dessa maneira, investigamos se os *blends* eram conhecidos e usados independentemente do lugar de origem do falante, seu nível de escolaridade, sexo ou idade. Desse modo, qualquer pessoa poderia responder ao questionário.

4.1. Perfil dos participantes e aplicação do formulário

Buscando atingir um número significativo de falantes do português participantes da pesquisa, utilizamos, como dispositivo metodológico, a aplicação de questionário confeccionado em formulário *on-line*, pois assim, conseguiríamos alcançar um número maior de sujeitos e teríamos um quantitativo maior de dados. Nesse sentido, utilizamos o *Google Forms*, uma plataforma desenvolvida pela *Google* que ajuda com a coleta de pesquisas nas redes. Após a confecção do formulário, compartilhamos nas redes sociais bastante utilizadas pelos falantes⁶. O formulário foi dividido em duas seções. A primeira é composta por fatores sociais, em que controlamos a idade, o sexo, lugar de onde eram oriundos os sujeitos participantes da pesquisa e o seu nível de escolaridade.

É preciso esclarecer, *a priori*, que obtivemos respostas por falantes de diferentes regiões do país. A maioria, no entanto, foi composta por respostas de falantes da Bahia, em torno de 38%, já que pertencemos a este estado e, por isso, conhecemos mais pessoas que vivem nessa região. Os outros 62% foram respostas advindas das demais regiões do país.

⁵ Para mais detalhes, sugerimos a leitura do trabalho de Benfica da Silva (2019).

⁶ É importante ressaltar que este trabalho é parte da tese de doutorado do primeiro autor e, por isso, a coleta foi feita entre os períodos de maio a julho de 2020.

Ressaltamos, ainda, que este trabalho faz parte de um projeto “guarda-chuva” em Sociofonética e recebeu autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) a partir do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 42703020.5.0000.0055.

Mediante isso, no que tange ao sexo, a maioria dos falantes (57.4%) identificou-se como feminino (grupo I), enquanto uma parcela menor de falantes (41.8%) identificou-se como masculino (grupo II). Uma pequena porcentagem (0.8%), ainda, identificou-se como não-binária. Os grupos controlados foram os femininos e masculinos, deixando aberto para os participantes que não se identificaram com nenhum desses grupos.

O nível de escolaridade foi categorizado em sete grupos: (I) ensino médio incompleto, (II) ensino médio completo, (III) nível superior incompleto, (IV) nível superior completo, (V) especialização, (VI) mestrado e (VII) doutorado. O grupo com o menor número de respostas foi o de doutorado, com 9 respostas (2.2%), enquanto o grupo com o maior número de respostas foi o de nível superior incompleto, com 124 respostas (30.6%).

Ainda, para verificar o nível de conhecimento dos *blends*, as idades dos sujeitos foram categorizadas em quatro grupos: (I) até 25 anos, (II) entre 26 e 35 anos, (III) entre 36 e 45 anos e (IV) acima de 45 anos. O grupo com idade até 25 anos foi o mais representado, com 190 respostas (46.9%), seguido pelo grupo entre 26 e 35 anos, com 158 respostas (39%). O grupo entre 36 e 45 anos teve 37 respostas (9.2%), enquanto o grupo acima de 45 anos teve 20 respostas (4.9%).

Para avaliar o conhecimento e uso que o falante nativo tinha sobre palavras criadas por *blends*, montamos a segunda seção do formulário com perguntas direcionadas sobre a carga semântica dos *blends*. A resposta a essas perguntas poderia compreender um dos seguintes itens: (I) não conheço, (II) já ouvi falar, mas não sei o significado, (III) conheço e (IV) conheço e uso. Com essa tarefa, a princípio, tínhamos a pretensão de entender como o falante se relacionava com os *blends* apresentados no formulário. Com essas respostas, tínhamos a intenção de compreender o nível de conhecimento dos *blends* por parte dos falantes do PB, o que, para nós, poderia ser obtido pela análise semântica das bases; assim, poderíamos compreender seu uso, que, para nós, está associado ao grupo linguístico no qual nasceu esse *blend*.

Para precisarmos a análise, convertimos estes itens para a escala *Likert* em que 0 está para “não conheço”, 1 para “já ouvi falar, mas não sei o significado”, 2 para “conheço” e 3 para “conheço e uso”. Estes itens foram convertidos nessa escala, porque entendemos que há sobreposições entre eles, uma vez que quem “conhece e usa” também “conhece”. Logo, a escala 2

capacidade de um sistema linguístico de gerar um número infinito de novas palavras, sentenças e expressões a partir de um conjunto finito de elementos. Basilio (2010), valendo-se de Veale (2006), adota a visão de que a questão da produtividade/criatividade dos *blends*⁸ está, justamente, na criatividade da língua, que tem o poder de mudar a maneira como estamos vendo e representando o mundo.

A autora defende que, para análise do fenômeno, a criatividade seja o aspecto mais relevante e discute que podemos observar resultados inesperados nas *fuves* que expressem valor poético ou expressivo, pois “fusões vocabulares expressivas podem mudar o modo como o mundo é conceptualizado em nossas palavras habituais, e realmente o fazem” (Basilio, 2010, p. 208).

Embora se mostre um fenômeno criativo de formação de palavras, a grande questão é que o *blend* é um processo morfofonológico bastante contextual, sendo, por isso, reconhecido, muitas vezes, no meio em que foi criado. Sendo assim, para que um *blend* se propague na língua, é necessário que haja um contexto e um grupo social para criá-lo. Na tabela 1 estão distribuídos os resultados de combinação de palavras, criadas a partir de bases já existentes na língua:

⁸ Salientamos que Basilio (2010) faz uma análise de *blends* formados por fusões vocabulares, por ela, chamadas de *fuves*. Nesse sentido, o conceito apresentado pela autora, de que FUVE “é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base” (BASILIO, 2010, p.202), abarca, apenas, os *blends* formados por Interposição Lexical. Neste trabalho, no entanto, nos valeremos de seus argumentos para explicar os *blends* formados por combinação truncada e substituição sublexical, também.

Tabela 1 – Taxa de conhecimento e usos de *blends* por parte de falantes do PB.

BLENDS	0		1		2		3	
	NÃO CONHECE		CONHECE MENOS		CONHECE MAIS		USA	
	Resps.	%	Resp.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Chafé</i>	66	16,3%	25	6,2%	103	25,4%	211	52,1%
<i>Flamerda</i>	124	30,6%	18	4,4%	223	55,1%	40	9,9%
<i>Namorido</i>	9	2,2%	5	1,2%	234	57,8%	157	38,8%
<i>Bandilma</i>	280	69,1%	27	6,7%	93	23%	5	1,2%
<i>Bolsolixo</i>	7	1,7%	9	2,2%	153	37,8%	236	58,3%
<i>Luladrão</i>	36	8,9%	14	3,4%	323	79,8%	32	7,9%
<i>Alucicrazy</i>	165	40,7%	32	7,9%	145	35,8%	63	15,6%
<i>Macakids</i>	331	81,7%	39	9,6%	32	7,9%	3	0,8%
<i>Maravigold</i>	43	10,6%	9	2,2%	187	46,2%	166	41%
<i>Abelena</i>	381	94,1%	6	1,5%	16	4%	2	0,4%
<i>Arliza</i>	382	94,3%	8	2%	12	3%	3	0,7%
<i>Brumar</i>	120	29,6%	22	5,4%	215	53,1%	48	11,9%
<i>Paulufusos</i>	369	91%	14	3,5%	12	3%	10	2,5%
<i>Veterimário</i>	348	85,9%	10	2,5%	32	7,9%	15	3,7%

Fonte: elaboração própria.

A tabela 1 ilustra um resultado bastante heterogêneo acerca dos *blends*, reiterando o fato de que alguns podem ser mais usados que outros, dado o fato de ser reconhecido apenas no grupo em que foi criado. Neste caso, quanto maior a circulação da palavra na língua, mais ela tende a ser reconhecida e usada. Na tabela, alguns dados mostraram-se expressivos em termos de conhecimento.

Com relação aos *blends* formados pelo tipo substantivo comum, *namorido* mostrou-se ser o mais conhecido com 57,8% e usado com 38,8%. Nos *blends* formados por antropônimo acrescido de qualificador, o menos conhecido foi *bandilma* com 69,1% dos dados. Pouco mais de 24% disseram conhecer este *blend*. Por outro lado, *Luladrão* apresentou 79,8% para os que conhecem. Um dado curioso deste tipo formação é que *Bolsolixo* apresentou 58,3% para os falantes que conhecem e usam.

No que diz respeito aos *blends* formados por uma base do PB + base estrangeira, o que se

mostrou mais conhecido foi *maravigold* com 46,2%. Este *blend*, também, mostrou ser o mais usado, neste tipo de formação, correspondendo a 41%. Os *blends* formados por *ships*, bem como os formados por oniônimos, apresentaram dados expressivos para os que não conhecem: todos acima de 80%. O único que se mostrou conhecido foi *Brumar* com 53,1%. Estes dados corroboram o argumento de Benfica da Silva (2019), cuja demanda de contextualização, para os nomes próprios, é maior, porque são mais designativos do que avaliativos, como os nomes comuns.

Os *blends* que se mostraram mais conhecidos e usados podem estar atrelados ao fato de terem sido mais propagados na língua, porque a maioria está em evidência em redes sociais, TV etc., ratificando que os ambientes virtuais são espaços em que os *blends* circulam com mais facilidade, conforme sinalizam Braga, Pacheco e Rocha (2022). Por outro lado, os *blends* que se mostraram menos conhecidos podem não ter sido compreendidos, porque, embora os fragmentos que os formam lembrem suas bases de origem, o falante pode não ter associado o significado do resultado da formação das palavras mescladas. Por isso, levantamos a hipótese de que o conhecimento da criação de *blends* depende de sua decomposição semântica. A tabela 2 apresenta a conversão dos resultados para a escala *Likert* dos *blends* do tipo substantivo comum:

Tabela 2 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* substantivos.

BLEND	0		1		2		3	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Chafé</i>	66	16,3%	25	6,2%	103	25,4%	211	52,1%
<i>Flamerda</i>	124	30,6%	18	4,4%	223	55,1%	40	9,9%
<i>Namorido</i>	9	2,2%	5	1,2%	234	57,8%	157	38,8%

Fonte: elaboração própria.

Os dados dispostos na tabela 2 apresentam porcentagens heterogêneas para os *blends* substantivos comuns. Em *chafé*, 25,4% disseram conhecer, enquanto 52,1% apontaram, também, usar este *blend*, apresentando uma porcentagem bastante significativa com mais de 75%. Estes resultados expressivos para o seu conhecimento e uso estão ligados i- à lexicalização desse *blend* na língua e ii- ao consumo recorrente de café por parte dos brasileiros. A Associação Brasileira de Indústria de Café (ABIC), por exemplo, realiza e divulga diversos dados, mostrando como o café é importante na mesa dos brasileiros. Segundo a associação, o Brasil segue sendo o segundo maior

consumidor de café do mundo⁹. É nesta relação, do brasileiro com o consumo desta bebida, que nos leva a inferir que o *blend chafé* pode ser gerado – quando o café fica fraco que remete a um chá –, a partir disso, reconhecido e, muitas vezes, usado por grande parte dos falantes nativos. A decomposição semântica neste *blend*, também, é bem significativa, já que uma das bases é monossilábica, *chá*, e mantém todo o corpo fônico na formação.

Com relação aos dois últimos *blends* da tabela 2, *flamerda* e *namorido*, os resultados apontaram porcentagens acima de 50% para os juízes que conhecem essas palavras no nível 2. Somando-se ao nível 3, isto é, para aqueles falantes que, também, usam, o primeiro corresponde a 65% e o segundo aproxima-se dos 100%. Os resultados dispostos em *namorido* corroboram com a defesa de Marangoni Jr (2021) sobre este ser um *blend* consolidado a mais tempo na literatura.

Num estudo sobre Percepção Sociolinguística, Braga, Pacheco e Rocha (2022) mostraram que *namorido* é uma palavra conhecida por grupos etários com diferentes idades¹⁰. Isso pode justificar sua consolidação há mais tempo na literatura e, conseqüentemente, sua lexicalização na língua. Sobre a lexicalização, ainda, o mesmo pode ser atribuído a *flamerda*, um *blend* que já existe há bastante tempo e é usado por parte dos brasileiros que não torce pelo time do Flamengo.

Dessa forma, a decomposição semântica (e fonológica) desses dois *blends* pode ser uma evidência de que os juízes os reconheçam por recuperar as bases de que são oriundos (*namorado + marido e Flamengo + merda*). Em *namorido*, ocorre supressão de duas sílabas na primeira base e, apenas, uma sílaba na segunda base, o que sugere, como defendem Braga, Pacheco e Rocha (2022), que os falantes possam reconhecê-los, mesmo com a fragmentação de suas formações.

Em *flamerda*, além da segunda base manter todo corpo fônico no nível fonético, parte de sua primeira sílaba, *mer-*, apresenta semelhança de material segmental com a sílaba da primeira base, *men-* o que implica em dizer que a relação de segmentos torna tênue os limites entre as bases, mas garante um bom alinhamento na periferia da esquerda (Gonçalves, 2003), quando a palavra é formada e garante, também, que a recuperabilidade, a partir dos fragmentos, seja feita por parte dos falantes. Além disso, a transparência no fragmento da primeira base, *flame-*, pode ter sido um bom indicador para a identificação do nome do time.

Neste sentido, nossa hipótese de que o conhecimento dos *blends* estaria associado à

⁹ Para mais informações: <https://estatisticas.abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/indicadores-da-industria-de-cafe-2021/>.

¹⁰ Os autores dividiram os grupos etários em 4, a saber: grupo I- até 25 anos, grupo II- entre 26 e 35 anos, grupo III- entre 36 e 45 anos e grupo IV- acima de 45 anos.

capacidade de sua decomposição semântica por parte dos falantes nativos, e somente o uso estaria associado ao contexto social em que foram criados, parece estar sendo confirmada até aqui. O resultado para *chafé* mostra que o conhecimento está atrelado aos fragmentos da base, uma vez que a base da esquerda mantém todo corpo fônico e o uso está ligado ao consumo da bebida. Em *flamerda* e *namorido* a semelhança segmental entre os fragmentos pode ser uma evidência do grande conhecimento desses *blends*. Outro indício está em sua lexicalização devido ao tempo que já existem na língua (o mesmo argumento pode ser atribuído para *chafé*). Observemos, agora, a tabela 3 com *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador:

Tabela 3 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador.

BLENDs	0		1		2		3	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Bandilma</i>	280	69,1%	27	6,7%	93	23%	5	1,2%
<i>Bolsolixo</i>	7	1,7%	9	2,2%	153	37,8%	236	58,3%
<i>Luladrão</i>	36	8,9%	14	3,4%	323	79,8%	32	7,9%

Fonte: elaboração própria.

Nota-se que os *blends* formados por antropônimos acrescidos de qualificador, também, apresentaram um resultado heterogêneo: por um lado *Bandilma* apontou um índice relevante para os que não conhecem, correspondendo a 69,1%, enquanto *Luladrão* apresentou uma porcentagem expressiva para aqueles que conhecem com, praticamente, 80% e *Bolsolixo* apontou uma porcentagem de quase 60% para os que usam. É possível observar que os três nomes que envolvem esse tipo de formação referem-se a figuras públicas do meio político, a saber: Dilma Roussef, Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Dilma foi a presidenta da república do Brasil entre 2010 e 2016, Bolsonaro presidente durante o período de 2018 a 2022 e Lula foi o presidente entre 2002 e 2010, além de ter sido eleito na eleição de 2022¹¹. Era esperado, por meio dos resultados, então, que os três *blends* apresentassem um alto conhecimento por parte dos falantes, uma vez que se referem a figuras públicas. Além disso, a base antroponímica que forma a palavra mantém todo o corpo fônico em dois dos três *blends*: *bandilma* e *Luladrão*.

¹¹ Esclarecemos, aqui, que o período do recorte desta pesquisa foi feito no ano de 2020. Apesar disso, naquele período, já se discutia que os políticos Bolsonaro e Lula seriam possíveis candidatos à presidência no ano de 2022.

Como foi explicado, uma das bases usadas para criar os *blends* formados por antropônimo acrescido de qualificador envolve nome de políticos e eles, de alguma forma, apresentam ideias contrárias. Sendo assim, esses dados levantam a hipótese de que muitos falantes podem ter dito não conhecer o *blend* devido ao fato de parecer ofensivo para o seu político preferido, especificamente nos exemplos com o nome de Bolsonaro e Lula. Esta constatação é pautada no período em que o formulário foi propagado para ser respondido – 2020 –, pois havia uma efervescência eleitoral, em que esses políticos estavam sendo expostos o tempo todo, em jornais, redes sociais, como possíveis candidatos à presidência da república.

Em *Bandilma*, o nível 1 apresenta uma porcentagem de 6,7%. Este resultado pode ser explicado por uma forte influência da posição política dos juízes, porque, aparentemente, eles conhecem o *blend*, mas pode ter optado por não assumir reconhecer o seu significado pejorativo atribuído à Dilma. Fato semelhante pode ter ocorrido para as respostas do nível 0 que contabiliza, praticamente, 70%. Esses dados nos fazem refletir sobre a transparência que a segunda base apresenta, ao manter todo o corpo fônico na formação da palavra, *Dilma*. Com isso, os níveis 0 e 1 podem ser somados ao nível 2, aqueles que conhecem o *blend* e, por questões política, não usam, o que justifica a baixa porcentagem no nível 3 com pouco mais que 1%.

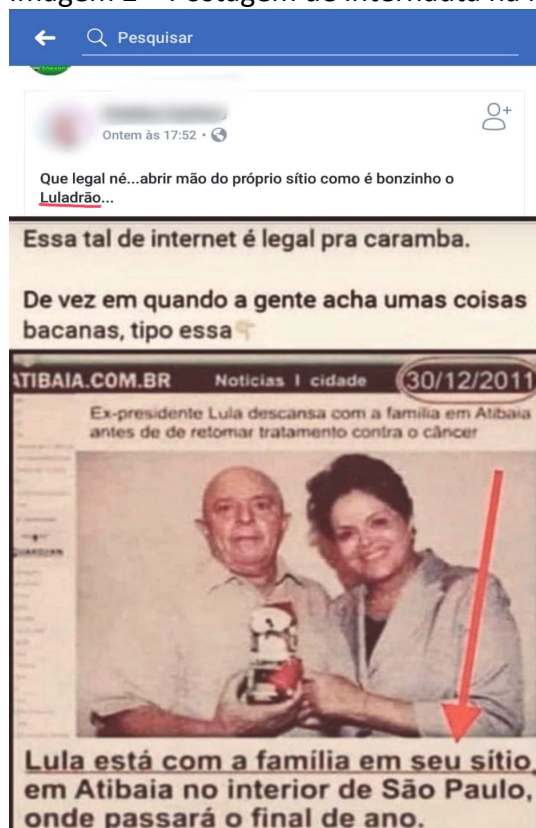
Uma outra explicação para o *blend Bandilma* é a de que, possivelmente, não teve uma grande propagação, durou pouco na língua. Os *blends Bolsolixo* e *Luladrão*, por outro lado, são vistos com maior recorrência em diferentes lugares. Bolsonaro e Lula sempre estiveram em evidência nos telejornais, redes sociais, etc. por conta de seus posicionamentos políticos, ganhando mais destaque nos últimos tempos por serem adversários diretos para assumir a presidência do Brasil. Essa exposição dos dois políticos permitiu que o uso de seus nomes formasse *blends*, em diversos meios, sobretudo, o meio virtual como se depreende nas imagens 1 e 2:

Imagem 1 – Imagem do vídeo da música “bolsolixo” de MN MC.



Fonte: Site Zona Urbana.

Imagem 2 – Postagem de internauta na rede social do Facebook, referindo-se a Lula.



Fonte: Facebook.

Por meio das imagens 1 e 2, é possível verificar a circulação no meio virtual dos *blends* *Bolsolixo* e *Luladrão* e o porquê de eles serem mais reconhecidos por grande parte dos juízes. A imagem 1 trata de uma crítica a Bolsonaro através de uma música. Na imagem 2, a crítica a Lula é feita através de um comentário na rede social do Facebook por um internauta.

O *blend Bolsolixo* apresentou uma porcentagem de 37,8% no nível 2. Quando somado ao nível 3, o percentual vai para 96,1%. Estes resultados podem ser indícios de três situações:

- I. o conhecimento, em uma das bases (*bolso-*) do *blend*, de uma figura pública bastante conhecida por todos os brasileiros que é o presidente da república do Brasil no momento do recorte temporal em que as respostas foram obtidas;
- II. seu uso ser frequente por conta de pesquisas apontarem uma rejeição da sua gestão, gradativamente, maior, como apontam Braga, Pacheco e Rocha (2022) e
- III. o fragmento *bolso-* adquire característica de um *splinter*¹², uma vez que pode resultar em diversos *blends* (*bolsobosta*, *bolsominion*, *bolsocoisa*, *bolsogado*) e “o formativo *bolso-* é reinterpretado, adquirindo valor do todo (Bolsonaro)” (Benfica da Silva, 2019, p. 79).

Braga, Pacheco e Rocha (2022) explanam que o conhecimento de uma forma lexical que envolve o sobrenome de uma figura pública, como o do chefe executivo, no período em que foi presidente, carrega um aspecto semântico de depreciação. Em outras palavras, Gonçalves (2020, p. 658) argumenta que essas formas lexicais se caracterizam como “criações jocosas que nascem, a maioria delas, do sentimento de repulsa e reprovação a esse líder, muitas vezes envolvendo crítica explícita em relação à sua conduta como presidenciável ou como presidente da República” (Gonçalves, 2020, p. 658).

O *blend Luladrão* apresentou uma porcentagem de quase 80% no nível 2, ou seja, os que conhecem. Somado ao nível 3, àqueles que, também usam, este *blend* fica com 88%. Apesar de ser um *blend* que apresenta um significado jocoso e de grande depreciação – Lula recebeu esta atribuição desde que seu nome esteve envolvido em escândalos de corrupção, sobretudo, em seu partido, Partido dos Trabalhadores (PT)¹³ –, este resultado, no nível 2, pode ser reflexo da força que o político tinha, desde sua prisão em 2018 até a sua saída em 2019, por parte de seu eleitorado que o via como um forte candidato para as eleições da presidência em 2022. Uma pesquisa realizada pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), em 2021¹⁴, por exemplo, já apontava Lula como um forte candidato à presidência com 48% das intenções de voto,

¹² Bauer (2005, p. 105) define *splinter* como “um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras”.

¹³ Como se sabe, o Partido dos Trabalhadores teve dois grandes escândalos de corrupção entre as gestões do governo Lula e o governo Dilma, a saber: o mensalão e a operação lava-jato.

¹⁴ O levantamento do Ipec foi feito de 9 a 13 de dezembro e ouviu 2.002 pessoas em 144 municípios.

enquanto Bolsonaro, ficou em segundo lugar com 21%.

Desta maneira, muitos juízes mostraram conhecer o *blend* por se tratar de uma figura pública que está em evidência grande parte do tempo em jornais, redes sociais e a decomposição semântica, ou seja, a transparência da base antroponímica, deixa mais evidente de quem se trata, pois mantém todo o corpo fônico na formação da nova palavra, diferente do que ocorre com o *blend* formado a partir do nome do político Bolsonaro.

No entanto, se tomamos como exemplo o *blend Bandilma*, manter todo o corpo fônico na nova palavra formada não aparenta ser o motivo principal para que haja a decomposição semântica. Isso nos faz deduzir que a decomposição semântica dos fragmentos da base antroponímica (ou seu corpo fônico completo) que forma um *blend* “se apresenta como muito mais do que uma ‘marca sem significado’ ou um ‘mero rótulo’, mas revela um forte valor discursivo socialmente demarcado” (Benfica da Silva, 2019, p. 107, grifos da autora). Em suma, o significado de um *blend* parece depender de um contexto em que “a base qualificadora caracteriza o referente do antropônimo, positiva ou negativamente, a depender do contexto sócio-comunicativo” (Benfica da Silva, 2019, p. 65).

Passemos para a tabela 4, onde estão dispostos os resultados dos *blends* formados por uma base do PB + uma base estrangeira:

Tabela 4 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por base do PB + base estrangeira.

BLENDS	0		1		2		3	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Alucicrazy</i>	165	40,7%	32	7,9%	145	35,8%	63	15,6%
<i>Macakids</i>	331	81,7%	39	9,6%	32	7,9%	3	0,8%
<i>Maravigold</i>	43	10,6%	9	2,2%	187	46,2%	166	41%

Fonte: elaboração própria.

Os resultados para este tipo de formação não apresentaram dados tão heterogêneos, como ocorreu com os *blends* dos dois primeiros tipos. *Macakids* (*macaco* + *kids*) teve um alto índice de porcentagem no nível 0, 81,7%. Nesse mesmo nível, *alucicrazy* (*alucinado* + *crazy*) apresentou uma porcentagem de quase 41% e *maravigold* (*maravilhosa* + *gold*) foi o único *blend* que apresentou uma porcentagem diferente dos demais, correspondendo a quase 50% para os

juízes que conhecem e 41% para os que usam. Diante disso, o alto índice de não conhecimento desses tipos de *blends* estaria relacionado ao fato de uma das bases ser estrangeira? Ou este não conhecimento tem relação com a duração que os *blends* duram na língua?

A indicação dos resultados deste tipo de formação, bem como dos resultados anteriores analisados, propicia-nos discutir que a lexicalização dos *blends* está relacionada à sua recorrência na língua, de fato, ainda que as bases estrangeiras (*crazy*, *kids* e *gold*) sejam usadas frequentemente no contexto do PB. Além disso, os sujeitos, possivelmente, apontaram não conhecer os *blends* porque não há transparência no sentido da mescla das bases.

O *blend macakids*, por exemplo, surgiu a partir de uma campanha publicitária¹⁵. Ele foi usado num *site* de uma empresa de jogos, como campanha publicitária para a sustentabilidade, para divulgar seus produtos para o público infantil. Essa informação revela que a circulação deste *blend* não foi em grande escala, pois seu público-alvo foram as crianças. A porcentagem de 0,8% no nível 3 denota o quão pouco é seu uso. Este *blend*, possivelmente, durou pouco na língua.

O *blend alucicrazy* apresentou um resultado interessante, porque, embora pouco mais de 40% dos juízes disseram não conhecer, no nível 0, quase 40% da outra parte demonstrou conhecê-lo. Ainda, 15% demonstraram usá-lo. Diferentemente, dos dois *blends* anteriores, *alucicrazy* tende a ser mais usado pelos falantes e, geralmente, é atrelado ao personagem Nazaré (interpretado por Renata Sorrah) da novela “Senhora do destino”, da emissora rede Globo (cf. imagem 3), em redes sociais, como o *Twitter*:

Imagem 3: Uso do *blend alucicrazy* com o meme do personagem Nazaré¹⁶.



Fonte: *Twitter* (@ragazzosam).

¹⁵ Para mais informações a respeito: <https://www.macakids.com.br/>.

¹⁶ Nazaré Tedesco foi uma vilã da novela “senhora do destino”.

O uso deste *blend*, associado ao personagem, propagou-se por conta das vilanias cometidas por Nazaré. No entanto, o conhecimento da palavra pode ser relacionado, não só à personagem, mas também à transparência dos fragmentos que a forma. A primeira base mantém três sílabas, *aluci-*, enquanto a segunda, ainda que seja oriunda do inglês, mantém todo seu corpo fônico, além de ser uma palavra um tanto conhecida no léxico coloquial do PB. Essas constatações remetem a argumento defendido por Braga (2023), valendo-se em Villalva (1994), de que a lexicalização dos *blends* é semântica e formal.

No que diz respeito aos dados de *maravigold*, os mesmos argumentos podem ser usados: o conhecimento, 46,2%, pode estar associado ao fato de a primeira base manter as partes iniciais no nível fonético, *maravi-*, e, aparentemente, esta fragmentação carregar, consigo, a transparência necessária para que o falante reconheça o *blend*. O nível 3, para os que usam, apresentou 41% e isso pode estar atrelado ao fato do fragmento *maravi-* se caracterizar como *splinter*, gerando diversos *blends*, conforme mostra a imagem 4:

Imagem 4: Comentários de internautas na rede social do *Instagram*, usando o formativo *maravi-*.



Fonte: comentários do *Instagram*.

Neste sentido, por se caracterizar com um *splinter*, o fragmento *maravi-* tende a ser mais transparente para os falantes por apresentar o valor todo (*maravilhosa*). A constatação desse

argumento é disposta na porcentagem expressiva de quase 90% da soma entre os níveis 2 e 3, os que conhecem e usam o *blend maravigold*. Podemos retomar, ainda, a defesa de Basilio (1980) de que uma forma produtiva é, automaticamente, transparente e a de Kemmer (2003) de que a semântica de um *blend* incorpora e integra os aspectos da semântica das bases de que é oriundo. A seguir, apresentamos a tabela 5 com as porcentagens de *blends* formados por *ships*:

Tabela 5: Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por *ships*.

BLENDS	0		1		2		3	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Abelena</i>	381	94,1%	6	1,5%	16	4%	2	0,4%
<i>Arliza</i>	382	94,3%	8	2%	12	3%	3	0,7%
<i>Brumar</i>	120	29,6%	22	5,4%	215	53,1%	48	11,9%

Fonte: elaboração própria.

Blends formados por *ships* tendem a não ser reconhecidos pelos falantes. Esses dados apontam para o fato de que por não serem tão avaliativos (quanto aos demais tipos), serem mais designativos, de acordo com o argumento de Benfica da Silva (2019), os *ships* não tenham grande propagação na língua, circulando mais em contextos específicos. *Brumar* (*Bruna* + *Neymar*) foi o único *blend* que apresentou uma porcentagem expressiva para os que conhecem, correspondendo a pouco mais que 53% e apenas 11,9% dos falantes demonstraram usá-lo. Este resultado pode estar ligado ao fato de se tratar de duas figuras públicas do Brasil, bastante conhecidas no país, a atriz Bruna Marquezine e o jogador de futebol Neymar Jr, pois *Abelena* (*Abel* + *Selena*), também, remete a duas figuras públicas, os cantores *The Weeknd* e Selena Gomes, mas, praticamente, 100% apontaram não conhecer o *blend* que envolve os nomes das duas personalidades. A opacidade, neste último, é maior, por isso, pode não ter sido identificável pelos juízes.

Nesse sentido, “ao apoiar um ship publicamente, muitas evidências são reveladas sobre o falante” (Benfica da Silva, 2019, p. 106). Esta, talvez, seja a motivação pela qual *Brumar* seja mais reconhecido que os demais *blends* formados por *ship*. Por mais que os fragmentos que compõem as bases sejam mínimos, *bru-* na base 1 e *-mar* na base 2, o conhecimento do *blend* pode estar ligado ao fato de se tratar de duas personalidades que estão em alta na mídia e nas redes sociais – jovem atriz e jovem jogador de futebol – e que tenham fãs que, ainda, torcem pelo relacionamento de ambos (cf. Braga, Pacheco e Rocha, 2022). De fato, eles não estão mais juntos

há um certo tempo e, talvez, por isso, o nível 3 tenha apresentado uma porcentagem baixa, diferente do nível 2, ou seja, os falantes reconhecem o *blend*, mas não o usa com recorrência.

Portanto, “o significado veiculado pelos *ships* são motivados por uma intenção específica do falante e aponta para um forte valor discursivo dos antropônimos quando cruzados” (Benfica da Silva, 2019, p. 106). *Brumar* é um *blend* que “adormece”, mas quando as personalidades que levam o *ship* aparecem em alguma notícia em comum, ele fica em evidência novamente. Uma hipótese para isso é a de que este *blend* esteja em processo de lexicalização, isto é, está flutuando na língua, pois ora desaparece, ora está em evidência.

Analisemos, agora, os *blends* formados por oniônimos (cf. tabela 6):

Tabela 6 – Escala do nível de conhecimento e uso de *blends* formados por oniônimos.

BLEND	0		1		2		3	
	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%	Resps.	%
<i>Paulufusos</i>	369	91%	14	3,5%	12	3%	10	2,5%
<i>Veterimário</i>	348	85,9%	10	2,5%	32	7,9%	15	3,7%

Fonte: elaboração própria.

Os juízes, em grande parte, apontaram não conhecer os dois *blends* que resultam em oniônimos, *Veterimário* (*veterinário* + *Mário*), 85,9%, e *Paulufusos* (*Paulo* + *parafusos*), 91%. O nível de conhecimento desses *blends* mostrou-se, portanto, ser bastante contextual, uma vez que essas formações se referem a um lugar, no caso dos exemplos, nomes de empresas comerciais criadas, provavelmente, com a junção dos nomes de seus donos e suas profissões (cf. Benfica da Silva, 2019). Os resultados obtidos a partir desse tipo de composição reiteram o fato de que o *blend* é uma operação morfofonológica mais comedida do que os compostos, uma vez que precisam de contexto para serem reconhecidos. Não há como recuperar os fragmentos das bases se não houver um conhecimento semântico-pragmático prévio, ainda que os elementos fonológicos da base antropônima estejam completos na formação dos *blends*, *Paul(u)* e *Mário*.

Entretanto, esses tipos de *blends*, por se referirem a estabelecimentos, parecem não remeter às suas bases de origem e, conseqüentemente, não terem sido recuperados pelos falantes por ter uma informação fora de contexto. Nesse sentido, além de contextuais, eles parecem ter um caráter exocêntrico, isto é, seu significado aparenta não ter relação com as bases

originais¹⁷.

Com relação aos níveis 2 e 3 de *Veterimário*, quando somados, podemos observar que a porcentagem está acima de 10%. Esse resultado pode ser indício de algum equívoco feito pelos juízes, já que o *blend* tem uma grande semelhança fonológica com uma de suas bases, *veterinário*, apresentando diferença, apenas entre as nasais: alveolar na base e bilabial no *blend*.

Os resultados analisados, nesta seção, mostraram que o conhecimento de um *blend* pode estar ligado à decomposição semântica das bases. Seu uso, por outro lado, pode estar atrelado ao contexto social em que foram criados. Esse argumento direciona para o fato de que o *blend* é um processo contextual, mas esta contextualidade está ligada à capacidade de o falante nativo decompor, semanticamente, os fragmentos que compõem o *blend*. Os únicos resultados que não corroboraram com essa constatação foram os *blends* formados por oniônimos que, por se tratar de empresa ou estabelecimento, o falante pode associar a palavra a um lugar e não às suas bases de origem. Com os resultados desse tipo de *blend*, também, foi possível perceber que o processo pode ter um caráter exocêntrico, diferentemente do que defende Benfica da Silva (2019, p. 38) de que os *blends* “são sempre endocêntricos”.

Nossa hipótese inicial seria a de que a possibilidade de depreender o sentido do *blend*, a partir da decomposição semântica das bases, poderia levar o juiz a dizer que conhecia o *blend*. Essa situação aparenta não ter ocorrido com os *blends* formados por oniônimos. Nos outros tipos, formados pelo fenômeno, uma parte foi conhecida pelos juízes, como as formadas por nomes comuns, enquanto as formadas por antropônimos foram menos conhecidas. Sendo assim, a hipótese que levantamos para estas análises parece ter sido parcialmente confirmada.

Ainda, podemos defender que uma palavra formada por esse processo pode ter grande propagação na língua à medida em que são mais usadas, (redes sociais, mídias, comunicações diversas), como pôde ser observado por meio dos exemplos *Brumar*, *Luladrão* e *Bolsolixo* – todos fazendo referência a figuras públicas conhecidas no país –, ou, ainda, *chafé* e *namorido* (*blends* que já existem há mais tempo na língua). Isso reitera o fato de que “não é propriamente o uso que é especial ou inovador, mas o produto, no qual avaliamos o êxito da formação.” (Basilio, 2010, p. 208).

¹⁷ Como não é escopo deste trabalho, não nos debruçaremos sobre essas questões com mais afinco, mas sugerimos que propostas futuras sejam requeridas.

Considerações finais

Neste artigo, elaboramos um formulário como forma de averiguar qual o conhecimento e uso que os falantes nativos tinham dos *blends* com a hipótese de que seu conhecimento seria por sua decomposição semântica e seu uso seria por fatores sociais. Observamos, então, que os *blends* são contextuais, mas esta contextualização tem relação com o significado da palavra.

Verificamos que os juízes tendem a conhecer o *blend* pelos fragmentos que vão para o nível fonético, independente de fator social, como *chafé* que apresentou alta porcentagem de conhecimento dos falantes. Mostramos que o seu conhecimento tinha relação com suas bases, sobretudo, a primeira que mantém todo o corpo fônico e a alta porcentagem para os que usam, pode ter relação com o alto número de pessoas que consomem a bebida. A partir disso, observamos que os *blends* mais conhecidos pelos juízes são os que mais se propagaram na língua, como *Bolsolixo*, *Luladrão* e *Brumar*. Os *blends* menos conhecidos não tiveram tanta circulação e pudemos atestar isso, com os *blends* caracterizados como oniônimos.

Com os resultados deste trabalho, observamos, também, que há, entre os *blends*, um *ranking* entre os mais e menos dependentes de contextos, e o que diferencia o fenômeno do composto é, justamente, a dependência do contexto. Os *blends* formados por oniônimos, por exemplo, mostraram-se bastante contextuais, o que nos fez deduzir que o falante pode não recuperar o significado pelas bases envolvidas, mas por se referir a um estabelecimento, a um lugar, quando forem contextualizados. Salientamos que estes argumentos não são categóricos e carecem de repostas mais precisas. Para isso, sugerimos que propostas futuras sejam feitas com intuito de averiguar essas possíveis constatações.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil).

Referências

ANDRADE, K. E. Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: Estudo otimalista sobre padrões de cruzamento vocabular. In: GONÇALVES, Carlos A. Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português. Rio de Janeiro : Publit Soluções editoriais, 2009.

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, , 2016 p. 861-887.

BASILIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. In: XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, 2010, p. 201-210.

BAUER, L. A. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.

BENFICA DA SILVA, V. O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise Morfológica e Fonológica. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BEVILACQUA, C. R.; SILVA, F. M. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. *Confluência*, Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 60, 2021, p. 353-372.

BRAGA, E. V. *Blend*, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma *blendescrição* do processo no léxico do português brasileiro. 2023. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

BRAGA, E. V.; PACHECO, V.; ROCHA, W. J. C. A Relação entre conhecimento, uso e faixa etária de blends por falantes nativos do PB. *(Con)textos Linguísticos*, v. 16, p. 205-224, 2022.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its Nature, Origin, and use*. 1ª ed. Connecticut: Praeger, 1986.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, 2003, p. 149-167.

GONÇALVES, C. A. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 169-183.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de) formações lexicais com os nomes do atual chefe executivo. *Gragoatá, Niterói*, v. 25, n. 52, mai.-ago. 2020, p. 648-687.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. In: CUICKENS, H. *et al.* (ORG.) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.

MARANGONI JUNIOR, C. E.. A interface morfologia-fonologia no blending: uma análise pelo modelo da Teoria da Otimidade. *Revista Letras*, v. 103, p. 29, 2021.

MARANGONI JÚNIOR, C. E. A blendtividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática. 2021. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MINUSSI, R. D.; VILLALVA, A. M. S. M. Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2020, p. 1-14.

PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.

VEALE, T. An analogy-oriented type of hierarchy for linguistic creativity. *Knowledge-Based Systems*, v. 19, 2006, p. 471-479.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
